

## AÇÕES DE MONITORIA NO ATELIÊ E LABORATÓRIO DE ESTUDOS EM FOTOGRAFIA DO CENTRO DE ARTES

**TUANY CAMEJO BORGES<sup>1</sup>; PAULA GARCIA LIMA<sup>2</sup>; JULIANA ANGELI; PAULA GARCIA LIMA<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas 1 – tuanyborges@live.com* 1

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas 2 – paulaglima@gmail.com* 2

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas 3 - julianaangeli@gmail.com* 3

<sup>4</sup>*Paula Garcia Lima – paulaglima@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar parte da experiência obtida pela autora dentro do projeto de ensino “Atividades de apoio no Ateliê e Laboratório de Estudos em Fotografia (ALEF)”, do Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na modalidade “Monitoria”. As atividades de monitoria do referido projeto tem por finalidade auxiliar na execução de inúmeras atividades dos alunos matriculados nas disciplinas de fotografia (Introdução à Fotografia, Fotografia, Laboratório em Fotografia I e Laboratório em Fotografia II), ofertadas para vários cursos, como Design Gráfico, Design Digital, Bacharelado em Artes Visuais e Artes Visuais – modalidade Licenciatura. As disciplinas elencadas são todas de cunho teórico-prático e demandam inúmeras atividades práticas que são complementadas no horário de aula e fora deste, através das ações de monitoria. Para isso, são necessários espaços específicos e adequados para as atividades (sala escura para revelação de fotografias, por exemplo) e equipamentos disponíveis no ALEF (câmeras fotográficas, objetivas e etc.). Além destas situações, o monitor também é figura responsável por auxiliar na condução das atividades em aula, principalmente as práticas, pois nos momentos de saída de campo para tomada de fotografias ou nas atividades de laboratório analógico, apenas o professor para orientar todos os alunos limita a qualidade e o tempo de atenção aos mesmos.

Feita esta contextualização do projeto e de atuação do monitor, e tendo em vista que as atividades iniciaram em meados do primeiro semestre de 2015, o presente texto tomou uma experiência em específico para relatar: o desenvolvimento da técnica *pinhole* junto às turmas acompanhadas pela monitora. Esta escolha deveu-se a motivações particulares e por ter sido a atividade onde a monitora mais auxiliou, sendo uma solicitação recorrente dos alunos em horários extra-classe. Por estes motivos, este trabalho visa possibilitar o aperfeiçoamento desta técnica em experiências futuras e possa ser consultado pelos alunos. Assim, foi realizada uma pesquisa teórica de âmbito geral sobre origem e sua definição, não adentrando em detalhes, pois a fotografia *pinhole* é uma das várias técnicas que devem ser abordadas na disciplina ao longo do semestre. Partindo das dificuldades observadas através da monitoria com os alunos, também é descrita uma série de cuidados e etapas do processo que necessitam ser executadas para que o resultado seja tecnicamente bem avaliado.

## 2. METODOLOGIA

A elaboração deste artigo contou com pesquisa teórica sobre as origens da técnica *pinhole*, como ela foi e é utilizada por fotógrafos, conta com desenvolvimento de uma metodologia para montagem de uma câmera, que será abordado no tópico a seguir, acrescentando detalhes que visam sanar problemas observados em laboratório.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fotografia estenopéica, ou *pinhole*, como é conhecida no Brasil e em grande parte do mundo, significa em tradução livre "buraco de agulha", nome sugestivo a um dos elementos fundamentais para a construção de uma câmera *pinhole*: um orifício pequeno em uma câmera obscura para a passagem de luz. A primeira fotografia permanente realizada com *pinhole* foi feita por Niépce em 1826. Porém, segundo RENNER (2000), o termo *pinhole* foi registrado pela primeira vez apenas em 1856, no livro *The Stereoscope*, do cientista escocês David Brewster, sendo ele um dos primeiros a fazer fotografias utilizando a técnica. Ao final do século XIX, vários cientistas utilizavam as câmeras para estudos ópticos sobre a projeção de luz solar e formação de imagem, tornando-se popular na Europa. Diferente das imagens formadas com lentes, as fotografias feitas com *pinhole* apresentavam granulação e nitidez um pouco comprometida, o que despertou a curiosidade de artistas e fotógrafos da época. Um deles foi George Davison, que com a sua fotografia *An Old Farmstead* (Figura 1), foi premiado pela Sociedade Fotográfica de Londres nos anos de 1890. Esta imagem é considerada a primeira fotografia impressionista. Mesmo sendo uma técnica simples e de fácil produção artesanal, em 1892, foram produzidas e comercializadas, cerca de 4.000 câmeras *pinhole*, com o nome de Photomnibuses, na Inglaterra (CALAÇA, 2013).



Figura 1: *An Old Farmstead*, George Davison, 1890.

Partindo da premissa de que para a realização de uma fotografia *pinhole* é necessária uma câmera obscura, qualquer objeto oco com seu interior protegido de luz tem potencial para ser transformado em câmera *pinhole*. As possibilidades são diversas, desde o próprio corpo, como o artista alemão Thomas Bachler que em 1980 utilizou de sua cavidade bucal como câmera, acomodando pedaços de filme fotográfico dentro e seus lábios como diafragma e obturador, resultando em uma série de auto-retratos, até uma câmera analógica sem lente, cuja adaptação é feita por meio de um cartão posicionado no lugar da objetiva, com um pequeno furo no centro (Figura 2).



Figura 2: Câmera analógica adaptada para *pinhole*, Arquivo pessoal.

Em sala de aula, foi adotado um padrão para a construção da câmera *pinhole*, onde cada aluno é responsável por construir a sua com os seguintes materiais: cano de PVC preto para instalações elétricas, fita isolante, um pedaço de lata de refrigerante, agulha, lixa e protetores de borracha para pés de cadeira. A montagem se dá da seguinte maneira: o cano deve ter aproximadamente 10cm de comprimento (que funcionará como o corpo da câmera), no interior da qual ficará o papel fotossensível; nele, em uma de suas faces, um furo deve ser feito no centro, com auxílio de uma furadeira ou ferro quente, tomado cuidado para não danificar a outra extremidade; o pedaço de lata cortado no tamanho de 5cm por 5cm, com agulha ou alfinete, um pequeno orifício será feito no centro da lata, este seria a abertura do diafragma, a agulha não deve entrar por completo, pois quanto mais diminuto melhor para a qualidade da imagem, caso ocorra dificuldade em visualizar o furo, pode-se lixar a parte pintada da lata, após furada, a lata cobrirá o furo do cano por ser demasiado grande, após alinhados os orifícios (o da lata deve estar centralizado ao do cano) deve-se fixa-lá com fita isolante passando ao redor do cano, deixando apenas o furo descoberto; com um pedaço de fita isolante, será feito o obturador, nessa etapa é necessário muito cuidado, pois fora observado que vários alunos tiveram suas fotografias prejudicadas pela cola da fita isolante, que depositou-se no furo, causando seu entupimento e interrompendo a passagem de luz, esse problema pode ser solucionado limpando a área do furo com álcool e empurrando a sujeira com uma agulha, mas para prevenir essa situação, é sugerido cortar um pequeno pedaço de cartolina ou papel celofane, que não ultrapasse a largura da fita, posicioná-lo de forma que proteja o orifício e então colada a fita que servirá de obturador, uma das pontas pode ser dobrada para facilitar na abertura e a outra, fixa no cano, para não perde-la accidentalmente; por fim, os protetores de borracha servirão de tampa para as extremidades do cano, assim a câmera *pinhole* estará pronta, basta cortar o papel fotossensível em retângulos (4cm x 6cm aproximadamente) no laboratório com apenas as luzes vermelhas acesas e fixá-lo na parede interna da câmera, centralizando-o o lado sensível (brilhante) frente ao orifício.

## 4. CONCLUSÕES

Acredito que este texto, quando consultado pelos alunos, evitará falhas recorrentes na construção da câmera, o que evitará desperdício de material. Além disso, poderá despertar a curiosidade sobre o assunto e a experimentação de novas formas de execução da técnica com diferentes materiais, a partir da pesquisa da origem e usuários da *pinhole* em seus projetos fotográficos.

## 5. REFERÊNCIAS

CALACA, M.C. **Pinhole revistada: Manifestações neopictorialistas no fotografia contemporânea brasileira.** 2013. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual, Universidade Federal de Goiás.

GOVEIA, Fábio. **A decomposição imagética nas fotografias com pinholes: a imagem pelo buraco de uma agulha.** 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, A.G.L.S. **A câmera pinhole utilizada como instrumento de ensino em física.** 2010. Monografia - (Licenciatura em Física)Curso de Física do Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará.

UFMG. **O Manual Prático de Fotografia Pinhole.** Set, 1999. Acessado em 11 jul. 2015. Online. Disponível em: <http://www.eba.ufmg.br/cfalieri/frame.html>